

1964 88

009/88

Ives Gandra da Silva Martins

REFLEXÕES SOBRE DISCOS LASER COM VARIAÇÕES TEMÁTICAS

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,
ex-Presidente da Academia Lusitana de Ciências,
Letras e Artes.

Principio a escrever este artigo escutando a Suite em F maior de Handel (Water Music) interpretada pela City of London Sinfonic, dirigida por Richard Hickox. A gravação digital, vertida para o disco laser, leva o ouvinte, se fechar os olhos, à sensação de que está em uma sala de concertos, com a perfeita orquestra inglesa desfilando a arquitetura musical de Handel a amantes brasileiros de música clássica.

A inexistência de qualquer ruído permite o acompanhamento da linha musical, sem qualquer espécie de irritação, de forma melhor que nos próprios teatros, posto que as humanas falhas, nas interpretações ao vivo, são escoimadas nas gravações.

Desde que adquiri há 3 anos o aparelho, deixei de frequentar os concertos, pois, sobre economizar tempo- no meu caso, de modesto operário do Direito, cada vez mais escasso-, passei a poder escolher a orquestra, o intérprete, a obra que desejo escutar, após o jantar, retemperando as forças e usufruindo do convívio familiar.

Os discos "laser" dificilmente serão superados por qualquer técnica de gravação, na medida em que sua pureza é a pureza das audições ao vivo, sem as distorções da acústica de que os concertos muitas vezes padecem.

Desde menino, meu pai (José da Silva Martins), um admirador de música clássica e principalmente de Bach, habituou os 4 filhos a ouvirem, depois do jantar, música clássica.

Ives Gandra da Silva Martins

.2.

Emigrante português, que principiou a trabalhar muito cedo (10 anos de idade), sempre desejou ter um filho que realizasse o seu sonho maior, que era ser pianista. Quando criança trabalhando à noite numa tipografia -e sem leis trabalhistas que protegessem os menores- perdeu, aos 12 anos, um dos dedos da mão esquerda.

Os quatro filhos estudaram piano e se acostumaram, desde cedo, a distinguir os estilos clássicos, as escolas, as interpretações, nestas audições noturnas. O incentivo do pai e o carinho da mãe (Alay) tornavam cada vez mais agradável as sessões, sem os inconvenientes das televisões e das novelas, que falam pela família e não permitem que os familiares falem entre si.

As gravações iniciais em 78 rotações foram substituídas pelos "long-plays", em que a continuidade musical, de um lado, e a eliminação dos estranhos ruídos, de outro, serviam para que se tivesse a sensação de que a sonoridade da música gravada era quase tão boa quanto a dos concertos ao vivo.

À época do surgimento de tais discos, lembro-me que meus pais promoviam, toda a semana, com os amigos, audições das últimas novidades, que tinham conseguido importar, contando com a presença de figuras do meio musical que residiam em São Paulo -artistas que já eram ilustres ou se notabilizaram no tempo, como Camargo Guarnieri, Eduardo Guarnieri, Eleazar de Carvalho, Guiomar Novaes, Antonieta Rudge, Madalena Tagliaferro, Diogo Pacheco, Menotti del Pichia, e alguns estrangeiros, como Howard Mitchell, quando passavam por São Paulo.

Creio que tais audições de discos e o ambiente destas reuniões semanais terminaram por influenciar meus dois irmãos (José Eduardo e João Carlos Martins), que decidiram seguir a carreira e que acabam de gravar, em Nova York, uma versão a quatro mãos das "Estações" de Vivaldi.

João Carlos, hoje, já tem diversos discos digitais e vertidos para o "laser", tendo recebido o prêmio "disco de ouro", no Brasil e nos Estados Unidos, por ser o artista brasileiro de música clássica com o maior número de exemplares vendidos.

Ives Gandra da Silva Martins

.3.

Nos dias atuais, João Carlos apenas grava, não mais se apresentando em público. José Eduardo, no momento, está em "tournée" pela Europa. Meu pai conseguiu realizar em dobro seu sonho de menino, que a fatalidade impediu, graças a obstinação em fazer seus filhos gostarem de música. Não conseguiu nem que eu, nem que José Paulo seguissemos a carreira, mas nos deixou a recordação agradável daqueles tempos de "nós-meninos" e o amor que nos acompanha pela música clássica até hoje.

Peço à Alba desculpas, ao finalizar o artigo que me pediu sobre os discos laser -eu, que apenas escrevo artigos sobre Direito e Economia para a "Folha"- por ter derivado mais para um memorial familiar do que para considerações musicais.

É que, minha cara Alba, os discos laser são tão bons que permitem todas as espécies de considerações, inclusive estas, que faço, ao terminar, ainda ouvindo Handel, agora na 13ª parte da Suite (Rigaudon).